

APRESENTAÇÃO

o corpo não é algo que se baste a si mesmo, necessita do outro, do seu reconhecimento e de sua atividade formadora (BAKHTIN, 2003, p. 48)

Com a abertura da epígrafe bakhtiniana, trazemos a público o corpo deste Dossiê, **Discursos de resistência e corpos (re)existentes** (Vol. 10, N. 25, 2020), como ato resistente que busca aproximar, pela amorosidade heterodiscursiva, do que o filósofo russo denomina uma heterociência (ou uma ciência outra), outros sujeitos, corpos, vozes em um período que clama pelo outro, dado o isolamento e o distanciamento pandêmico.

Com o objetivo de deixar fruir o diálogo ininterrupto entre ciência, vida e arte, este número temático da *Revista PERcursos Linguísticos*, congrega 28 artigos, com foco em reflexões acerca do corpo e da resistência, tratados por perspectivas discursivas diversas (Análise Dialógica do Discurso – Bakhtin, Medviédev e Volóchinov; Análise de Discurso de linha francesa – Pêcheux, Foucault, Maingueneau, Amossy, por exemplo; Análise Crítica do Discurso – Fairclough e Foucault; e as Semióticas).

A maioria dos autores é composta por participantes do V SIED – Simpósio Internacional de Estudos Discursivos, em curso. Devido às transformações decorrentes da pandemia da COVID-19, excepcionalmente, as publicações realizaram-se antes das apresentações dos trabalhos no evento, uma vez que o Simpósio foi adiado, por responsabilidade e cuidado, para um momento posterior possível e com segurança.

Os textos aqui reunidos retratam a proposta do SIED, pois, ao mesmo tempo, apresentam a singularidade temática focada em reflexões sobre corpo(s) e (re)existências e a heterogeneidade do trato epistêmico da seara discursiva. Os 28 artigos, de autoria de pesquisadores de diversas instituições de ensino e pesquisa, de certa forma, dialogam entre si e tratam, desde questões teóricas relevantes a reflexões analíticas que se pautam na relevância social da temática deste número, ainda mais urgente neste momento histórico. Assim, o número parte de reflexões mais amplas e significativas para o escopo discursivo, a reflexões analíticas de sujeitos, seus corpos e acontecimentos marcados por vulnerabilidades, tentativas de silenciamentos e resistências como formas de existências.

As publicações se voltam a objetos/sujeitos diversos, de gêneros variados, sempre situados historicamente, em acontecimentos vivos de linguagem.

O número abre com um artigo de Michel Prati Bernardo da Silva e Pedro Farias Francelino, intitulado **GESTUALIDADE EM PERSPECTIVA DIALÓGICA:**

APONTAMENTOS NOS TEXTOS VOLOCHINOVIANOS DE 1926 E 1930, no qual refletem acerca de alguns apontamentos teóricos sobre gestualidade desenvolvidos por Volóchinov em dois de seus textos: *A palavra na vida e a palavra na poesia: para uma poética sociológica* (1926) e *Estilística do discurso literário II: a construção do enunciado* (1930), em cotejo com algumas charges que ilustraram a argumentação dos autores. Os resultados da investigação empreendida pelos autores revelam uma abordagem sobre gestualidade preconizada por Volóchinov. No texto de 1926, a gestualidade se liga à noção de *extraverbal*, ao *caráter compartilhado e subentendido das avaliações de um dado grupo social* e à personificação do *terceiro participante*. Já no texto de 1930, ela se relaciona à noção de *réplica* (resposta) e à ideia de *orientação social* do enunciado.

Em seguida, em CUERPO Y FIESTA EN BAJTIN, Angela María Chaverra Brand e Jean Carlos Gonçalves discutem, calcados, principalmente, em Bakhtin, a relação entre corpo e festa. Os autores refletem sobre a resistência dos corpos que buscam modos de existência diante de condições caóticas, em interação com o outro. De acordo com os autores: “Aunque las discusiones centrales de este artículo se ubican en el contexto histórico de la Edad Media, sus reverberaciones contribuyen a la comprensión, hoy en día, de los fenómenos del lenguaje vinculados al cuerpo y al partido, que en la víspera de la segunda década del siglo XXI están obligados llevar una corona de espinas y bailar al son de las trompetas del Apocalipsis”.

Luciane de Paula, Marana Luísa Tregues Diniz e Juliana Beatriz Prates de Almeida, no terceiro artigo, denominado JOHNNY BRAVO EM: JOHNNY BRAVO E O HOMEM CARNAVALIZADO, voltam-se ao corpo masculino a partir da personagem que nomeia a animação seriada, entendido como reflexo e refração de uma imagem que masculinidade já canônica ao longo do tempo. Para isso, relacionam o corpo da personagem ao corpo de artistas (Elvis Presley, Marlon Brando, entre outros), considerados ícones de beleza e virilidade. Fundamentadas nos estudos bakhtinianos, as autoras demonstram como Johnny Bravo carnaliza, pela ironia e pela ridicularização (fundada na hipérbole), a imagem de homem que semiotiza. A crítica aparece expressa no signo ideológico, que flagra o quanto corpos podem reforçar (ou não) estereótipos tóxicos e machistas.

O quarto texto, O CORPO MÁGICO NUM MUNDO (QUASE) REAL: AÇÕES IMUNOLÓGICAS NA FANTASIA DISTÓPICA TEMPORADA DOS OSSOS, Rafael Oliveira da Silva e Maria da Penha Casado Alves voltam-se ao corpo mágico da fantasia distópica. Com base nos estudos bakhtinianos, os autores tratam da relação arte e vida. Na análise empreendida, as conclusões revelam que “a) os corpos mágicos refletidos e refratados no enunciado da fantasia distópica correspondem a corpos estranhos no mundo da vida (...); b)

(...) é o ponto de encontro dos discursos fantásticos e distópico e é representado como um corpo grotesco (...); c) (...) resiste às ações imunológicas da sociedade que busca eliminá-lo”.

Dayane Oliveira, em O CORPO MONSTRUOSO NA HETEROTOPIA DA WEB, o quinto artigo, analisa, fundamentada nos estudos foucaultianos de saber/poder, como o corpo monstruoso de “presos” é espetacularizado no espaço heterotópico da *web*, assim como os conflitos morais e éticos provocados pelo processo de hipervisibilidade desses sujeitos no *Youtube*. Além disso, a autora discute sobre *verdade*, *moralidade* e *corpo*, tendo em vista a possibilidade de transfiguração da identidade do sujeito criminoso na *web*. Os resultados levam à reflexão acerca da importância de discussões sobre moral e ética na cibercultura.

No sexto artigo, Leila Heloíse da Silva Jerônimo e Marília Varella Bezerra de Faria, em O EMBATE NA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DO PERSONAGEM ERIC EFFIONG NA SÉRIE SEX EDUCATION, ancoradas nos postulados de Bakhtin, Butler, Louro e Hall, discutem o corpo, a sexualidade e a identidade de uma personagem. “As análises revelam as forças sociais conflitantes de centralização e de descentralização – forças centrípetas e forças centrífugas – que incessantemente atravessam as enunciações concretas da série e que interferem na construção identitária do personagem”. Como representante da comunidade LGBTQIA+, “a homofobia é o fio condutor na construção identitária” de Eric, que o leva “da euforia do reencontro consigo” à “sensação traumática da violência e da negação”.

Em O PROTAGONISMO DA LINGUAGEM NA PRODUÇÃO DE CORPOS, DISCURSOS E PRÁTICAS DE RESISTÊNCIA, o sétimo texto, José Sena, orientado pela perspectiva performativa butleriana, debate o papel da linguagem na produção de corpos, discursos e práticas de resistência. O texto se centra em “a relevância da performance enquanto prática de linguagem mobilizadora de processos reflexivos que podem gerar alternativas diante de problemáticas sociais que geram sofrimento humano”. Segundo o autor, “a visada pragmática, ao dar relevo aos usos e às práticas dos sujeitos nos complexos contextos da vida social, engaja um importante avanço em termos de reflexividade, da capacidade de nos pensarmos em nossas práticas” de e por meio da linguagem.

O oitavo artigo, de Marília Diógenes Moreira, intitulado A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM CORPORAL NAS REDES SOCIAIS: PADRÕES DE BELEZA E DISCURSOS DE INFLUENCIADORES DIGITAIS, investiga postagens de blogueiras *fitness* no Instagram. Calcada nos estudos foucaultianos (especialmente, nas categorias de corpo, disciplina e poder), a autora reflete sobre a supervalorização da aparência corporal na mídia e na sociedade, relacionada a hábitos de consumo. Os resultados revelam o quanto as mídias disciplinam os

sujeitos com um discurso de construção de corpo ideal, representado por uma forma física magra e jovem.

O nono artigo, O CORPO QUE FALA: MORALIDADE, NARRATIVAS DE EXPERIÊNCIA E MICROPOLÍTICAS DE RESISTÊNCIA, de Mayara Oliveira Nogueira, fundamentado na Análise da Narrativa e na Análise Crítica do Discurso, voltado a uma situação de enunciação específica, reflete sobre “o lugar do corpo em práticas linguísticas cotidianas, nas quais micropolíticas de resistência são estabelecidas”. Os resultados demonstram a importância dos estudos discursivos considerarem a relação entre corpos e contextos, com evidências de marcas interseccionais de gênero e classe.

Rafael Cossetti e Jarbas Vargas Nascimento, no décimo artigo, “O CORPO COMO ARMADURA DE RESISTÊNCIA”: CORPOS TRANS* NA CENOGRAFIA DE DIÁRIO EM PROSA E EM POESIA, investigam, fundamentados em Maingueneau, a paratopia de três discursos literários produzidos por sujeitos trans. Os resultados indicam que “essa produção discursivo-literária de sujeitos trans* busca criar um lugar social para esses sujeitos e seus corpos e fazem-no em resistência à cisgeneridade compulsória”.

No texto seguinte, “CORPO SILENCIADO, VOZ SILENCIADA: ANÁLISE DO DISCURSO DOS HOMENS TRANSEXUAIS SOBRE O ATENDIMENTO NO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE”, Jonathan Ribeiro Farias de Moura e Bruna Valentim da Silva analisam o discurso de dois homens trans que usam o Sistema Único de Saúde brasileiro. A análise se baseia nos pressupostos da Análise Materialista do Discurso, que tem como um dos precursores Pêcheux, na França, e Orlandi, no Brasil. Para os autores do artigo, em diálogo com Butler (2015), “Corpo e voz são silenciados, mas estão significando dentro de um sistema que os oprime com um discurso hegemônico da cisgeneridade-heterossexualidade”.

Em ANÁLISE DIALÓGICA DE MARIA DA VILA MATILDE: A CANÇÃO NO EMBATE CONTRA A VIOLÊNCIA DE GÊNERO, o décimo segundo artigo deste número, Mayra Pinto e Rainy Sena dos Santos analisam, sob a ótica da análise dialógica do discurso, a canção Maria da Vila Matilde, de Douglas Germano, interpretada por Elza Soares. Ancoradas nas palavras de Davis (2017), as autoras tratam da importância de canções como a de Douglas Germano, na voz de Elza Soares, a fim de fomentar e ampliar o debate sobre questões de gênero, dado o alcance da música na conscientização da sociedade.

Laís Sousa Di Lauro, no décimo terceiro texto, MATÉRIA EM EVIDÊNCIA: INSTRUMENTALIZAÇÃO E EXPOSIÇÃO DO CORPO FEMININO NA ERA DA TECNOLOGIA, analisa o culto ao corpo na era da tecnologia, em especial no universo *online*. Segundo a autora, “em um cenário repleto de aparatos tecnológicos e redes sociais, que

facilitam a disseminação de imagens e propiciam a exibição corporal, este torna-se uma vitrine que, muitas vezes, reflete uma preocupação excessiva com a estética corporal, podendo, portanto, gerar graves consequências para a vida das mulheres”. Fundamentada, especialmente, em Foucault, mas também em Novaes, Goldenberg e Ortega, a autora discute uma foto postada por Cléo Pires, em 2019, e a arena discursiva que se criou em torno da postagem, com discursos disciplinares, controladores e idealizantes sobre o corpo, em especial o feminino.

Em O ATO DE NOMEAR NO DISCURSO DE ÓDIO CONTRA A MULHER, Ângela Alves de Araújo Barbosa, Richardson Silva e Denise Lima Gomes da Silva discutem, com base no dialogismo bakhtiniano, a nomeação do corpo feminizado no contexto de violência doméstica e familiar contra a mulher até a culminância do feminicídio. Os autores veem, no ato de nomear, uma significativa relação de alteridade, em que o outro é apreciado, valorado, ideologizado. No contexto dialógico de um discurso de ódio contra a mulher, o ato de nomeá-la de vadia, ardilosa, bandida, louca diz mais, segundo os autores, sobre o nomeador do que sobre as nomeadas, revelando um funcionamento discursivo reverso que, ao fim e ao cabo, desvela a resistência dessas mulheres, vítimas dessa violência discursiva.

Na sequência, Débora Caruline Pereira Silva e Lúcia Helena Medeiros da Cunha Tavares, em OS DISCURSOS DE ÓDIO CONTRA O CORPO GORDO FEMININO NO INSTAGRAM: DOS ESTEREÓTIPOS ÀS RESISTÊNCIAS, discutem, com base em Foucault, postagens de corpos femininos considerados fora dos padrões estéticos vigentes, gerando, assim, discursos e contra-discursos sobre o corpo, num embate em que forças sociais são confrontadas. Segundo as autoras, “o apagamento que antes era comum na história das mulheres, hoje não é mais tão possível, visto que as lutas são mais frequentes e a mulher cada dia que se passa muda mais a história. O silenciamento das mulheres dá lugar à força de vontade de pertencerem a uma sociedade que anda longe de ser justa, mas que já avançou muito se comparada a séculos como o XVIII”.

Renata Martins Amaral e Maria das Graças Dias Pereira, em “A MULHER NO MERCADO”: NARRATIVA DE SOFRIMENTO E DENÚNCIA POSTADA NO BLOG DE UMA MULHER COM CÂNCER DE MAMA, o décimo sexto artigo deste dossiê, investigam o posicionamento narrativo e identitário de uma mulher em tratamento de câncer de mama, que utiliza as redes sociais para compartilhar suas histórias de vida, especialmente, após o diagnóstico da doença. Concentrando a análise em uma das narrativas de seu blog, as autoras avaliam “o compartilhamento de sua história de vida como uma possibilidade de entendermos que a descoberta de uma doença invasiva como o câncer de mama não representa o fim da

vida”. O estudo mostra que “experiências de dor e sofrimento podem ser redimensionadas em práticas sociais de enfrentamento da doença através das redes sociais”.

No décimo sétimo texto, O CORPO DA MULHER SOB DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: O SENSO COMUM E A REPRODUÇÃO DE SEUS DISCURSOS PELA MÍDIA, Carlos Alexandre Molina Nocchioli analisa uma matéria publicada na revista de divulgação científica *Mundo Estranho*. Segundo o autor, “ao mesmo tempo em que se coaduna com seu imaginável público, a publicação reproduz o discurso do senso comum, ainda patente nas práticas sociais contemporâneas de nossa cultura, associadas às questões sexuais relacionadas a figura da mulher. Nessa perspectiva, reifica-se a sexualidade feminina, outorga ao homem o protagonismo na construção do prazer e reduz discussões sexuais complexas ao nível da zombaria”.

O próximo, TALKEY SHOWS E IMPRENSA: UMA LEITURA BASEADA NA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO, de Maria Stella Galvão Santos, fundado no referencial teórico de Van Dijk, Fairclough, Charaudeau e Sodré, entre outros, e recorrendo às ferramentas de viés linguístico para analisar as relações entre linguagem, poder e controle social, trata de dois episódios dos chamados “Talkey shows”, momentos em que o Presidente da República interagia, à frente do Palácio do Planalto, com a imprensa e com alguns de seus seguidores. A autora conclui que “tais encenações buscam, de maneira sub-reptícia ainda que discursivamente explícita, atuar como cortina de fumaça para evitar a abordagem, pelos repórteres, de assuntos espinhosos e polêmicos no cotidiano de governos”.

No décimo nono texto, DISCURSO DE RESISTÊNCIA ÀS AVESSAS: O CASO DO PRONUNCIAMENTO PRESIDENCIAL A RESPEITO DA PANDEMIA, Anderson Silva se centra no que chamou de “discurso de resistência às avessas”, usado por Jair Bolsonaro para descredibilizar o discurso científico acerca das medidas de prevenção contra o Coronavírus, calcado na Análise Dialógica do Discurso. De acordo com o autor, a estratégia discursiva de inversão influencia pessoas e propaga o que Mbembe compreende como necropoder.

O vigésimo artigo, DA PALAVRA VIVA À PALAVRA DE ORDEM: UMA LEITURA DA AGITAÇÃO E PROPAGANDA A PARTIR DO CONTEXTO RUSSO-SOVIÉTICO, de Fabiana Zogbi Lontra da Conceição, discute as noções de agitação e propaganda a partir de um de seus produtos: a palavra de ordem. A autora se fundamenta nos estudos de Volóchinov; em Zandwais sobre a propaganda política em diferentes contextos, nas considerações a respeito da “palavra viva” desenvolvida em Brandist e nos estudos do Círculo de Bakhtin de Tchougounnikov. Toma como base, ainda, alguns textos de Lênin. O texto se focou nas palavras de ordem “todo poder aos soviets” e “paz, pão e terra”.

Em A CONSTRUÇÃO DE VERDADES PARRESIÁSTICAS EM DISCURSOS SOBRE SUICÍDIO E HETERONORMATIVIDADE, o vigésimo primeiro artigo, Douglas de Oliveira Domingos e Regina Baracuhy partem da problemática de que os sujeitos LGBTQIA+ sofrem com discursos que objetivam seus corpos e levam alguns ao adoecimento mental e a tentativas de suicídio. A partir de Foucault, o texto analisa três vídeos do *YouTube* relacionados a tentativas de suicídio e investiga efeitos de verdade gerados pela discursivização parresiástica das tentativas de suicídio de sujeitos LGBTQIA+ no ciberespaço. Conforme os autores, com a disseminação do acesso e dos efeitos das mídias digitais, enunciados-acontecimentos sobre suicídio têm emergido e se acumulado no ambiente virtual, o que também garante visibilidade às fatalidades decorrentes da heteronormatividade.

O vigésimo segundo artigo, A TRAJETÓRIA DE UM SUJEITO TRANSGÊNERO NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO, de Felipe Santos da Silva e Alexandre Marcelo Bueno, analisa o discurso de um sujeito transgênero e as repercussões sociais, positivas e negativas, que o ser trans vivencia no contexto universitário. A análise incide sobre o recorte de uma pesquisa com um número maior de participantes LGBTQIA+, acadêmicos de uma universidade brasileira, entrevistados em 2018. Uma análise semiótica dos relatos foi empreendida, interrelacionada com os estudos de gênero e transexualidade. Os resultados apontam para o preconceito, a intolerância e a estigmatização da comunidade trans.

Em O DISCURSO KINIKINAU: CULTURA, IDENTIDADE E EDUCAÇÃO, o vigésimo terceiro texto, Maira Luana Morais busca localizar, via materialidade linguística e com base em regularidades enunciativas, as diferentes formações discursivas, os interdiscursos e os sentidos possíveis que perpassam a memória discursiva do povo Kinikinau. A análise está ancorada nos conceitos de sujeito, formação ideológica e discursiva, interdiscurso e memória, dos estudos foucaultianos. O *corpus* foi composto por recortes extraídos de um Trabalho de Conclusão de Curso de um professor indígena Kinikinau e cinco textos produzidos por alunos do ensino fundamental 2, da escola da Aldeia São João. Os resultados apontam para o fato de que os povos indígenas têm sua cultura, língua e identidade afetadas pelos modos de vida do branco, em ambivalência.

No vigésimo quarto artigo, NOVA(S) DESCOBERTA(S) DO NOSSO BAIRRO: LETRAMENTO COMUNITÁRIO, GÊNEROS DISCURSIVOS E AÇÃO SOCIAL, Alana Driziê Gonzatti dos Santos e Maria do Socorro Oliveira, ao considerarem a relevância da articulação entre as esferas escolar, familiar e comunitária, discutem impactos de um projeto de letramento comunitário (PLC) no redimensionamento de práticas de fala, leitura e escrita. O aporte teórico se fundamenta no letramento, nos estudos bakhtinianos e da Nova Retórica, para

refletir acerca dos gêneros discursivos. Os resultados levam à produção de um *e-book*, em que os saberes locais dos discentes são apresentados, em gêneros discursivos diversos.

Em seguida, em INFLUÊNCIA ESPAÇO-TEMPORAL NAS PESQUISAS CIENTÍFICAS DA REVISTA LINGUAGEM E ENSINO, Albanyra dos Santos Souza analisa o espaço/tempo constitutivo das pesquisas sobre tecnologia e linguagem, bem como reflete sobre as vozes sociais das pesquisas, cronotopicamente atravessadas, que orientam as práticas de leitura e escrita na contemporaneidade. A base teórica se funda em estudos sobre cronotopia (Bakhtin, Bemong, Machado) e sobre o universo virtual (Levy, Lemos, Lipovetsky, Charles, Rojo E Barbosa). Durante o período de 2008 a 2017, destacaram-se 38 publicações sobre o uso das tecnologias nas aulas de línguas. Os resultados revelam que os tempos hipermodernos se manifestam nos espaços educacionais.

No vigésimo sexto texto, A DINÂMICA DA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS NO INTERIOR DOS INTERSTÍCIOS DAS FORMAÇÕES DISCURSIVAS, DOS ACONTECIMENTOS E DAS ASSEMBLAGENS, Adilson Crepalde e Carlos Fabrício de Souza Ribeiro de Castro estudam um cartaz encontrado em praça pública, depois de uma manifestação em defesa da liberdade sexual e de gênero, e discutem o processo de construção de sentido do cartaz, que manifesta apoio à luta, em nome do amor cristão. O enunciado é estudado do ponto de vista do chamado pensamento rebelde, com destaque para às reflexões de Foucault. O estudo mostra como um simples e aparentemente inocente cartaz recobre uma complexidade de sentidos.

Em ESTADO ISLÂMICO E SUA OPÇÃO DISCURSIVA PELA POLÊMICA E A VIOLÊNCIA, o penúltimo artigo, Eduardo Assunção Franco investiga, em textos divulgados no *site* www.jihadology.net, as estratégias discursivas que o grupo radical Estado Islâmico (EI) utiliza para divulgar suas ações violentas para se firmar no espaço público e captar seguidores ou voluntários. Os resultados revelam que os recursos linguísticos do discurso profético/apocalíptico, da polêmica e do discurso propagandístico/incitação compõem a estratégia argumentativa e persuasiva do EI.

No último artigo, ENTRE AS PRESCRIÇÕES DO CONCURSO E A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO-AUTOR: DISCURSOS DE RESISTÊNCIA EM CRÔNICAS ESTUDANTIS, Tatiana Simões e Luna, ancorada nos estudos bakhtinianos e de Authier-Revuz, investiga as produções vencedoras na categoria crônica, da quinta edição da Olimpíada de Língua Portuguesa (OLPEF). A autora analisa as relações entre as prescrições do concurso e a constituição dos sujeitos-autores, com seus posicionamentos. Os resultados demonstram que os estudantes se apropriaram das normas e assinalaram suas posições, por

meio de representações temáticas e de recursos linguístico-estilísticos não previstos. Com isso, assumiram suas vozes ao subverterem parte das coerções genéricas prescritas.

Este número é, antes de tudo, um ato de resistência para a (re)existência de sujeitos e corpos atacados e in-visibilizados. Agradecemos aos autores que compartilharam conosco seus textos para comporem este número temático da *Revista PERcursos Linguísticos*. Da mesma forma, agradecemos aos membros do conselho editorial da revista, pela colaboração essencial. E somos gratas, principalmente, aos editores do periódico pela parceria e pela abertura desse espaço tão relevante para o compartilhamento de nossos conhecimentos.

Esperamos que a leitura deste dossiê também seja, para todos, como para nós, um ato corpóreo essencial de (re)existência amorosa e cuidadosa.

Luciane de Paula¹
Luciano Vidon²
Maria da Penha Casado Alves³

Outubro/2020.

Referência:

BAKHTIN, M. O autor e a personagem na atividade estética. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

¹ UNESP. E-mail: lucianedepaula1@gmail.com.

² UFES. E-mail: pavidon@gmail.com

³ UFRN. E-mail: penhalves@msn.com